

**A CIDADE PELO ESTRANGEIRO:
Projetos, práticas e narrativas urbanas de comerciantes imigrantes no Porto,
Portugal**

Priscilla Santos¹

Resumo

Neste artigo pretendo analisar os projetos de vida, práticas e narrativas urbanas de pequenos comerciantes imigrantes no Bonfim, zona oriental do Porto, Portugal. Os dados são de uma pesquisa etnográfica realizada entre julho de 2020 e janeiro de 2021 em que busquei compreender como os projetos desses sujeitos imigrantes que abrem cafés, restaurantes e bares no Bonfim inserem-se nas dinâmicas urbanas da zona e interceptam-se nos planos estratégicos da urbe, que entoa a narrativa da cidade-competitiva e cidade-turística. Busco cruzar observações etnográficas enquanto pesquisadora-imigrante brasileira no Porto, Portugal, com os imaginários, práticas cotidianas e narrativas sobre mudança urbana de dois de meus principais interlocutores imigrantes: Paul, britânico dono de um bar, e Bruno, brasileiro proprietário de uma padaria. O intuito é avançar na produção de uma epistemologia urbana descentrada e relacional a partir das representações de cidade dos estrangeiros.

Palavras-chave: Projetos de vida. Epistemologia urbana. Práticas urbanas. Pequenos comércios.

Abstract

In this paper I intend to analyze the projects of life, practices and urban narratives of migrants small businesses owners in Bonfim, East Porto. The data are from an ethnographic research carried out between July 2020 and January 2021. In this research I sought to understand how the projects of these individuals that opens cafes, restaurants and bars in Bonfim intercepts both with the urban dynamics of the region and with the strategic plans for the city. Porto invests in a competitive-city and tourist-city marketing approach. I seek to cross ethnographic observations as a Brazilian immigrant researcher in Porto, Portugal, with the imaginaries, everyday practices and narratives about urban change of two of my main interlocutors: Paul, a British bar owner, and Bruno, a Brazilian bakery. The aim is to move towards producing a decentered and relational urban epistemology from the representations of the city from *outsiders*.

Keywords: Projects of life. Urban epistemology. Urban practices. Small businesses and shops.

Recebido em: 8 de julho de 2022

Aceito em: 1º de novembro de 2022

¹ ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Introdução

Este artigo parte de minha pesquisa de mestrado sobre pequenos comerciantes imigrantes, europeus e não europeus, no Bonfim, zona oriental do Porto, Portugal. A proposta foi analisar como os projetos de vida (Velho, 1994) desses sujeitos que empreendem cafés, restaurantes, bares, escolas de yoga e galerias de arte na região interceptam-se às dinâmicas urbanas da zona e aos planejamentos estratégicos para a cidade. O Bonfim é uma antiga área industrial do Porto caracterizada pela presença de casas operárias e palacetes burgueses oitocentistas, no entorno da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, além de prédios residenciais, alguns edifícios de estilo arte nova e modernista de interesse patrimonial. É, portanto, uma zona historicamente estigmatizada da cidade, marcada pela desindustrialização e presença de artistas. Recentemente atraiu a atenção dos planejadores urbanos enquanto espaço para expansão de dinâmicas turísticas e criação de infraestrutura para atratividade de empresas do conhecimento e indústria criativa.

Pretendo aqui cruzar observações etnográficas enquanto pesquisadora-imigrante brasileira no Porto, Portugal, com os projetos de vida, práticas e narrativas urbanas de dois de meus principais interlocutores: Paul, um britânico de 58 anos que abriu um bar de coquetéis, cervejas artesanais e pizzas no Bonfim em 2014; e Bruno, brasileiro proprietário de uma padaria de fermentação natural, inaugurada em janeiro de 2020, no auge da onda turística do Porto e meses antes do primeiro *lockdown* devido à pandemia do Covid-19, ocorrido em março de 2020. Paul e Bruno viviam logo no andar de cima de seus próprios comércios. Paul morava com a esposa e o filho no sótão de seu bar. Bruno vivia no apartamento do primeiro andar, logo acima de sua padaria. Assim, vivenciavam a região dia e noite, observando suas dinâmicas ao longo do tempo e de seu espaço de mudança – e permanência. O objetivo geral deste texto é explorar algumas reconstituições de cidade a partir do olhar estrangeiro seguindo dois caminhos: primeiramente, as narrativas de cidade desses pequenos comerciantes imigrantes, entendidas enquanto epistemologias urbanas descentradas – já que são produzidas por *outsiders*, condição intrínseca dos imigrantes. Depois, as práticas urbanas cotidianas desses interlocutores, muito ligadas ao uso das ruas e dos pequenos comércios, que os levam a produzir sentido de pertença à cidade, ainda que temporário.

Antes de entrar nestes temas, traçarei um breve enquadramento teórico e metodológico da pesquisa aqui contemplada. Na sequência, apresentarei a delimitação do recorte empírico, que já resulta do conhecimento de cidade produzido pelos interlocutores da pesquisa. Isso porque não assumi os limites autárquicos da freguesia do Bonfim, mas tentei traçar as delimitações geográficas do Bonfim simbólico tendo em conta suas representações émicas. Na terceira parte do artigo, entrarei de maneira mais detida nas narrativas de cidade e de mudança urbana relatadas por esses dois interlocutores, Paul e Bruno, tentando perfazer como seus projetos de vida cruzam-se com a materialidade da cidade, via os pequenos comércios, ruas e esquinas. Por fim, abordo, a partir de Blokland (2017), como esses dois comerciantes imigrantes fazem comunidade a partir de suas narrativas de lugar e performance de identidade local.

A cidade contada por quem é de fora

Esta pesquisa analisa os projetos de vida de imigrantes no Porto, sendo eu própria uma imigrante brasileira na cidade desde agosto de 2019. Assim, a pesquisa nasce de maneira autorreflexiva. E desenrola-se no rés do solo, nas calçadas, nas mesas dos cafés, esplanadas e jardins entre xícaras, copos, conversas e petiscos, entrelaçando-se, numa escala mais alargada, a um contexto em que as cidades se esforçam para ganhar competitividade na escala global (Harvey, 2012). O Porto entoa essa narrativa da cidade-competitiva projetando-se internacionalmente enquanto destino turístico e bom lugar para se viver. O título de Patrimônio da Humanidade concedido ao centro histórico portuense pela Unesco em 1996 e o de Capital Europeia da Cultura, em 2001, começaram a formar a narrativa da cidade-turística, endossada com diversos prêmios dados ao Porto, que foi eleito três vezes, em 2012, 2014 e 2017, o Melhor Destino Europeu², disputando com cidades como Madri, Roma e Paris.

O *buzz* em torno da urbe reflete estratégias de posicionamento do Porto frente à concorrência global entre cidades. Essas dinâmicas macroestruturais se territorializam à escala da urbe e suas regiões. O Bonfim é exemplo disso. A zona possui, desde 2015, uma demarcação de Área de Reabilitação Urbana (ARU), instrumento que confere

² Melhor Destino Europeu é uma votação feita pela European Best Destination, organização dedicada à promoção turística europeia. Ranking de 2017: <https://www.europeanbestdestinations.com/destinations/best-european-city-breaks/>.

mecanismos de dinamização para a reabilitação do edificado, qualificação das estruturas e equipamentos públicos, sendo os benefícios fiscais a principal ferramenta de estímulo à requalificação de edifícios por meio privado. O relatório da ARU publicado em 2018 – quando a delimitação da área de reabilitação foi alargada em um trecho ao norte –, lista algumas das então recentes transformações da zona, que estariam ligadas ao alargamento das dinâmicas já verificadas no centro histórico e na chamada Baixa portuense: forte crescimento da procura turística com aumento do setor do comércio, restauração, oferta hoteleira e de Alojamento Local (como AirBNB), concentração de atividades noturnas (*movida*) e aumento da atratividade econômica, sendo algumas associadas ao investimento estrangeiro.

A análise dos imigrantes enquanto parte desta narrativa da cidade-competitiva ou cidade-turística tem tido centralidade na literatura das ciências sociais europeia e, mais detidamente, portuguesa. As abordagens perpassam as ideias de elite transnacional, super-ricos e investimento com capital estrangeiro (DeVerteuil & Manley, 2017; Ley, 2010; Carvalho et al., 2019; Krahmer & Santangelo, 2018; Mendes, 2017) e também o imigrante enquanto agente de valorização física e simbólica de antigas zonas degradadas das cidades e produtor de diversidade cultural a ser explorada como mais valia na competitividade urbana (Çağlar & Glick-Schiller, 2018; Parzer & Florian, 2015; Keith, 2005; Mendes et al., 2020; Oliveira, 2019; Oliveira & Padilla, 2017). Entende-se, no primeiro caso, que as abordagens macroestruturais que relacionam os estrangeiros com as mudanças urbanas, se isoladas, podem levar a uma reificação desses atores sociais, muitas vezes destituídos de sua condição de sujeito e relegados à abstração da categoria “capital”.

Quando se atém à uma análise estritamente macroestrutural, parece que ficamos com o que Baptista & Cordeiro (2002) chamam de “presentes e desconhecidos”, o imigrante que está lá, mas não sabemos quem é. Como já disse Simmel (2005b), o estrangeiro é sentido, então, como um estranho, um outro não “proprietário do solo”. “Esta informação dá o caráter simbólico da mobilidade do estrangeiro no processo de intermediação comercial e, frequentemente, o encasula em uma espécie de sublimação, na pura arte da transação monetária.” (Simmel, 2005b, p. 266).

Entretanto, os imigrantes que abriram seus pequenos comércios na zona do Bonfim não pareciam enquadrar-se nas categorias quer dos volumes vultuosos de capital, quer da impermanência na cidade. Pelo contrário, esses sujeitos procuraram o Porto como

um local para se fixar e viver suas vidas cotidianas. Mas quais foram suas motivações? Por que Portugal e, sendo Portugal, por que o Porto e o Bonfim, especificamente? O que os atraiu para cá e como esses projetos de vida são colocados em prática cotidianamente? Quando Velho (1989) pesquisou o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, no começo dos anos 1970, com o intuito de não assumir interpretações apriorísticas sobre seu universo pesquisado, perguntou “pura e simplesmente” a cada um de seus interlocutores: “Por que veio morar em Copacabana?”. E eles responderam como, quanto e porquê. De maneira similar, as entrevistas que fiz nesta pesquisa foram sempre iniciadas com a pergunta: “Por que veio morar em Portugal, no Porto e no Bonfim?”. Era uma pergunta “pura e simples”, mas, em sua resposta, couberam trajetórias, projetos de vida e como Portugal, o Porto e o Bonfim se articulavam a eles.

Em termos metodológicos, esta foi uma pesquisa com abordagem etnográfica com período de campo de seis meses (de julho de 2020 e janeiro de 2021). Além da observação direta e participante, foram feitos mapeamento de comércios e entrevistas semi-diretivas com 14 pequenos comerciantes imigrantes detentores de 12 estabelecimentos no Bonfim (alguns tiveram mais de um sócio entrevistado). Deste total, apenas Paul e Bruno para além de trabalharem também viviam no Bonfim (inicialmente esse era também o caso do espanhol Pablo, que tinha uma casa de hóspedes na região, mas acabou por fechá-la na pandemia, deixando o bairro). Por trabalharem e viverem no mesmo edifício em que tinham o comércio, Paul e Bruno foram os interlocutores que mais narraram suas representações e práticas no e sobre o Bonfim. Esta é a razão pela qual irei centrar-me nesses dois ‘personagens urbanos’ aqui.

Ao longo de nossas conversas informais, encontros nos comércios e pelas ruas, e também nas entrevistas semi-diretivas que realizei com Paul e Bruno, chamou-me a atenção o conhecimento que detinham sobre as transformações urbanas do Porto pelo fato de tê-las observado em seu cotidiano. Essa narrativa do imigrante sobre as dinâmicas da cidade produz, a meu ver, conhecimento urbano descentrado – pela própria condição de *outsider* do imigrante – e relacional – já que, frequentemente, ao descreverem o Porto, esses sujeitos tecem comparações com outros contextos (cidades e países) em que viveram. Já por meio de suas práticas urbanas cotidianas, esses imigrantes no Bonfim produzem “identidades locais temporárias” (Blokland, 2017), que leio também, como uma identidade situacional. Por fim, pequenos comerciantes imigrantes constroem um

conhecimento urbano localmente a partir do contexto global, uma vez que sua estadia na cidade advém de fluxos e deslocamentos geográficos, identitários e subjetivos.

A noção de epistemologia descentrada respalda-se nas propostas de Agier (2011, 2012 e 2015). O autor defende uma operação epistemológica que consiste, primeiramente, em deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos; e, em segundo lugar, deslocar a problemática do objeto para o sujeito, da questão sobre o que é a cidade – uma essência inatingível e normativa – para a pergunta sobre o que faz a cidade, que é percebida, então, como um processo contínuo, o processo de "fazer cidade" (Agier, 2011). Coloco esta questão no intuito de dar resposta a um dilema sobre a problemática que permeia esta pesquisa: afinal, trata-se de uma reflexão sobre os sujeitos imigrantes detentores de pequenos comércios na zona do Bonfim, ou sobre o Bonfim a partir do olhar desses sujeitos imigrantes detentores de pequenos comércios? Diria que são as duas coisas, uma vez que ambas as questões estão imbricadas. Quando olho para o cidadão, ao passo que o tento perceber, enquanto sujeito, também vejo a cidade, pelo olhar dele. De partida, isso nos ajuda a perceber porque é válido pesquisar a cidade não apenas a partir da perspectiva daqueles que, em teoria, mais a conhecem: seus antigos moradores ou administradores. Mas sim olhá-la por meio do que nela atrai e mantém quem vem de fora. Assim, quando pergunto aos interlocutores imigrantes por que decidiram abrir um negócio no Bonfim, as respostas me dizem sobre o sujeito, mas também sobre o Bonfim. Tem-se aqui, creio eu, um duplo descentramento epistemológico. Para além do deslocamento do olhar da cidade para o cidadão, também se desloca o olhar do *nativo* para o estrangeiro, ou seja, para aquele que, de alguma maneira, "é de fora", perspectivando-se, assim, o que Agier (2015) aponta como uma mirada a partir das margens e fronteiras.

O Bonfim émico

A delimitação do recorte empírico é aqui compreendida para além de uma questão metodológica, mas também teórica. Conforme afirma Costa (2008: 66), "as duas ordens de questões — construção do objecto teórico e delimitação do objecto empírico — não são em regra consideradas alheias uma à outra." Isso implica que a delimitação do objeto seja simultaneamente parte das operações metodológicas e dos conteúdos da pesquisa, ou ainda, "que tal identificação assuma, de maneira não trivial, o estatuto de condição de

partida e de ponto de chegada da análise” (Costa, 2008: 66). Adotar os limites administrativos da freguesia sem nenhuma problematização prévia seria, para usar as palavras de Costa (2008), pretender chegar a conclusões antes de se proceder à análise. Para “ter valor conceptual, e não só o de matéria-prima informativa (de natureza documental), o desenho cartográfico não pode deixar de ser, ele próprio, teoricamente orientado e, insista-se de novo, resultado de análise prévia” (Costa, 2008: 63). Traçar os limites geográficos do Bonfim, ou seja, criar o mapa do Bonfim pesquisado, então, deveria ser tido não apenas como um ponto de partida, mas parte do processo investigativo.

Circunscrever o Bonfim estudado, então, incluiu, mais do que olhar mapas oficiais e documentos da autarquia, a observação direta do terreno, a observação participante, conversas informais e entrevistas semidiretivas para perceber o que era, do ponto de vista émico, aquele Bonfim que me parecia estar atraindo imigrantes que ali abriam seus bares, padarias, restaurantes ou cafés, e assim materializam projetos de vida. Esta última problemática deveria, então, permear o trabalho de delimitação do campo de investigação. Deste modo, como sugere Costa (2008: 63) “no desencadeamento da pesquisa, considerações de ordem teórica e de ordem metodológica conduziram, de forma convergente, a procurar delimitar o objecto de observação ou, como se poderia dizer num registo um tanto diferente, a identificar a unidade de análise pertinente.”

Minhas observações diretas iniciais já me mostraram que a freguesia era composta por várias microrregiões com dinâmicas distintas.

Foram, então, contactados para conversas algumas pessoas de alto capital social e simbólico (Bourdieu, 2011) no Bonfim, como pessoas ligadas ao universo da arte e da cultura e comerciantes de estabelecimentos vernaculares (Zukin, 2012). Os comércios vernaculares são entendidos aqui enquanto espaços semi-públicos em que as pessoas se engajam em práticas sociais de consumo prolongado e habitual formando um patrimônio cultural urbano, não passível de ser colocado em museus. A ideia ao conversar com esses interlocutores de alto capital simbólico, para além dos pequenos comerciantes imigrantes, era perceber o que é considerado Bonfim do ponto de vista émico, o que é tido como de mais característico na região. Entrevistei ao todo 32 pessoas (8 comerciantes antigos, 10 pessoas ligadas ao universo das artes e da cultura que morassem ou trabalhassem no Bonfim e os 14 comerciantes imigrantes presentes nesta pesquisa) para os quais fiz duas perguntas: para você, onde começa e onde termina o Bonfim, em que rua começa e

termina? E quais seriam as principais características do Bonfim? Conforme escreve Velho (1989) em sua etnografia com moradores do bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, a decisão de se partir do discurso dos indivíduos demanda que aceitemos sua experiência social expressa em suas próprias palavras.

Não se trata, inclusive, de ter que cotejar, imediatamente, as repostas dos entrevistados como uma 'realidade objetiva' definida a priori. A complexificação das Ciências Sociais conduz, necessariamente, à aceitação de diferentes níveis de 'realidades' ou 'níveis de realidades' correspondentes a diferentes apreensões individuais ou grupais de uma série de dados 'brutos'. A descrição etnográfica no caso de um prédio e de um bairro de uma grande cidade, constitui o pano de fundo para as repostas e entrevistas do universo pesquisado. Essas repostas são tão 'reais' quanto a rua onde se situa o Edifício Estrela. (Velho, 1989: 92). (No final do trecho o autor se refere ao prédio que pesquisou em Copacabana)

Assim, seguindo as pistas de Velho (1989) e no intuito de não ignorar as relações entre os diferentes “níveis de realidades”, tentei fazer um cruzamento entre minhas observações diretas e participantes, a experiência social dos interlocutores e as divisões oficiais da freguesia. Assumi ainda que as fronteiras do Bonfim são, como nos apontam Cordeiro e Costa (1999) sobre os bairros, tudo, menos nítidas, revelam-se ambíguas, plásticas, contextuais e estratégicas. Nesse sentido é interessante ver o que "derrama" do Bonfim para as freguesias do entorno – ou vice-versa. Entender ainda como esses espaços de continuidades e descontinuidades são percebidos pelos interlocutores, tendo em conta que:

Em particular as representações simbólicas locais acerca dos bairros como entidades colectivas de referência e pertença constituem-se mais por núcleos de enraizamento identitário e demarcações sociais face a terceiros – uns e outros mutáveis e manipuláveis, de caráter largamente circunstancial – do que por delimitações cognitivas de contornos precisos, como é habitual nas definições administrativas e cartográficas. (CORDEIRO & COSTA, 1999, p. 73).

O mapa mental (Lynch, 2011) do Bonfim traçado pelos interlocutores, migrantes e não-migrantes, não se apresentou com muitos nomes de ruas ou a partir de limites rígidos que seguissem os quatro pontos cardinais. Em vez disso, foi formado por pontos de referência, no geral, espaços públicos, como: Campo 24 de Agosto (cruzamento de vias onde há uma estação de metrô e paradas de várias linhas de autocarro); Passeio de São Lázaro (jardim público); Cemitério Prado do Repouso; Largo do Padrão; Biblioteca

Pública Municipal do Porto; Estação Ferroviária de Campanhã; Igreja do Bonfim; Fontainhas (zona localizada na descida para o rio Douro com muitas casas populares e *ilhas*); Praça da Alegria. As referências nos dão uma *mancha* (Magnani, 2002) do Bonfim simbólico mais ou menos coincidente para esses interlocutores, ainda que essas fronteiras sejam elásticas e o tempo inteiro negociadas.

Há uma grande confusão, até mesmo aqui da padaria porque estamos na rua de Santo Idelfonso e existe a freguesia de Santo Idelfonso, que começa ali na Praça da Batalha. Mas oficialmente aqui é considerado Bonfim, o código postal e tudo, e temos a Junta da Freguesia do Bonfim logo ao lado. Também estou mais perto do Campo 24 de agosto do que da Praça da Batalha. Mas eu entenderia que o Bonfim começa na rua Dom João IV aqui no Largo do Padrão. Não sei se jardim de São Lázaro já é Bonfim, ou se é Santo Idelfonso. Mas acho que começa aqui e, não sei, deve terminar ali nos limites de Campanhã, da rua Pinto Bessa, que começa na altura da igreja e desce para a estação, não é. Para baixo, olha, eu pouco exploro, mas as poucas vezes que fui fiquei chocado de tão bonito que é. Acho esse bairro tão charmoso, mesmo essas ruas aqui atrás que cortam a avenida Rodrigues de Freitas: Duque de Saldanha, Barão de São Cosme.... (Bruno, 35 anos, brasileiro, proprietário de uma padaria de pães artesanais no Bonfim. Entrevista concedida em seu comércio, 19/12/2020, por volta das 15h).

A partir desse percurso investigativo prevaleceu na delimitação final do Bonfim a ser pesquisado a representação social da zona para os entrevistados, coincidente, em grande medida, com as observações etnográficas. No que se refere aos limites oficiais da freguesia, o recorte restringe-se mais à sua porção sul, embora apanhe trechos que administrativamente pertençam às freguesias vizinhas de Santo Idelfonso e Campanhã, conforme se observa no mapa. De modo genérico, então, pode-se dizer que o Bonfim aqui investigado corresponde ao entorno alargado da Faculdade de Belas Artes. Ou, se adotar um termo émico, o “Baixo Bonfim”. Ou simplesmente Bonfim, se se considerar a fala de uma designer de produtos bastante engajada com a vida do entorno na zona. “As pessoas não pensam a freguesia toda, mas em partes. Quando falam Bonfim, pensam na região da Belas Artes”, me disse em conversa em um café da zona em 02/10/2020 por volta das 10h30.

O núcleo central do terreno investigado se dá no entorno alargado da Faculdade de Belas Artes, onde foram observadas quatro principais características sócioespaciais: presença de antigos prédios industriais, alguns em estado de abandono, outros já renovados ou em obras; oferta de comércios vernaculares (Zukin, 2012); verve artística, decorrente da influência da Faculdade de Belas Artes, que promove no entorno não apenas a circulação de artistas e estudantes de artes (que, por si só, acabam por formar

parte da paisagem urbana), como presença de ateliês, galerias, cafés e restaurantes *artsy*, empreendidos e/ou frequentados por esse público. O quarto ponto recai sobre os comércios, via de regra mais recentes, caracterizados por localizarem no território bonfinense repertórios, emblemas e estéticas que circulam pelo mundo, como o veganismo e os alimentos produzidos de forma artesanal e com ingredientes selecionados (cafés em grãos tidos como "especiais", por exemplo).

Na zona há, portanto, uma sobreposição de camadas estéticas e temporais em que o vernacular (Zukin, 2012) parece conviver com a cena *artsy* e a atmosfera *gentry*. O tempo-espço operário, burguês, industrial, artístico e cosmopolita se entremeiam. É neste contexto de múltiplas referências estéticas e de modos de consumo que se inserem os pequenos comércios dos imigrantes na zona. Ao caminhar-se pelas ruas do Bonfim é possível observar cafés, padaria, bar, ateliê, galeria de arte e escola de yoga, por exemplo, que têm por trás imigrantes provenientes de países da própria Europa – como Inglaterra, França e Espanha –, do Brasil, Estados Unidos e também de países africanos, como Mali, e asiáticos, como China, Coreia do Sul e Índia. Embora a presença desses pequenos comércios de imigrantes seja sutil no que concerne à paisagem urbana, a inserção desses sujeitos nas dinâmicas urbanas parece central para compreendermos as transformações na cidade, conforme se irá observar na própria fala dos interlocutores.

Figura 1: Mapa da freguesia administrativa do Bonfim, com o Bonfim pesquisado marcado com linha vermelha; seus limites extravasam para freguesias vizinhas.

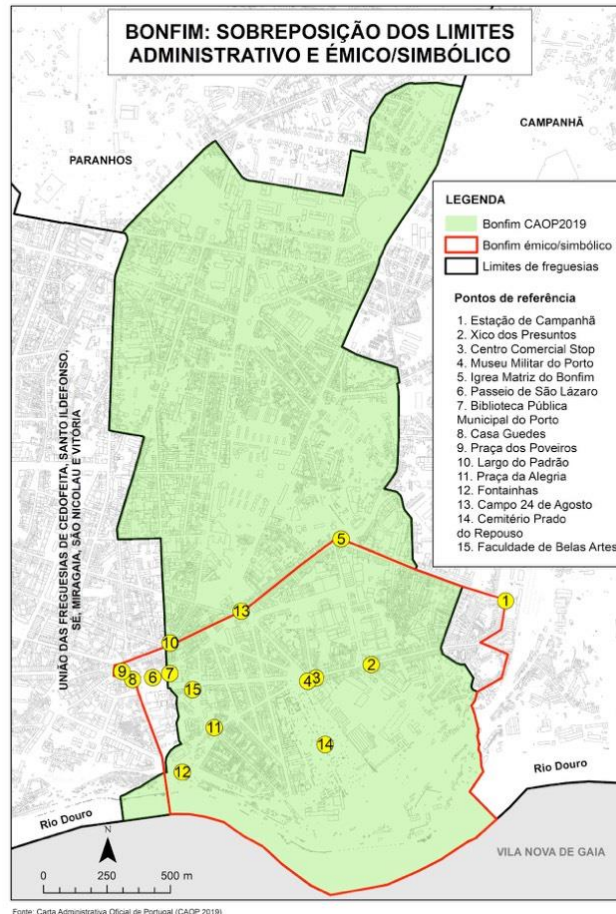


Foto: Juliano Mattos

A rua do Bruno

A rua de Santo Ildefonso é apinhada de pequenos estabelecimentos, boa parte bastante antigos no local. Ao longo da via e em seu entorno há peixaria, loja de queijos, talho, costureira, barbeiro, frutaria. Toda sorte de pequenos comércios, muitas vezes com seus proprietários morando logo no andar de cima no mesmo edifício. A via possui vários prédios geminados com cerca de três andares que se dividem, genericamente, entre espaços comerciais no térreo e habitações nos pisos acima. As ruas neste trecho são bastante estreitas, fazendo com que os vizinhos fiquem próximos mesmo quando estão dentro de casa. Das janelas se vêem a casa uns dos outros, se as cortinas não estiverem fechadas, me disseram. E, claro, vê-se tudo que se passa no espaço público. Assim, quem vive ali atua como os *olhos da rua* (Jacobs, 2007), e as pessoas se entrecruzam. Há muita circulação de pessoas a pé no entorno, visto que na zona se resolve de quase tudo que se

precisa sem ter que sair de lá. Se for necessário, o centro da cidade fica a 15 minutos de caminhada.

Figura 2: Rua de Santo Ildefonso: edifícios com comércio do térreo e apartamentos acima.



Foto: Juliano Mattos.

É nesta via que se localiza a pequena padaria artesanal de Bruno, 35 anos, brasileiro que tinha vivido na França por um ano e, depois, de volta ao Rio de Janeiro, trabalhou em hotéis e restaurantes de um francês e, logo, de um português, o que acabou sendo a ponte de sua vinda para Portugal. Bruno chegou ao Porto no final de 2017 para trabalhar por apenas três meses na montagem de um restaurante, mas decidiu ficar. O principal motivo para querer viver no Porto foi o desejo de experimentar uma vida “mais calma”, bem diferente de suas experiências urbanas anteriores, conforme ele explica:

Quando comecei a pensar em ficar, falei, 'meu Deus': eu adoro cidade grande, morei em Paris, passei uma grande temporada em Buenos Aires, que é uma cidade gigantesca, vivi em São Paulo, no Rio de Janeiro. Talvez por ter sido criado no interior [cidade pequena no estado de São Paulo] tenho esse deslumbre com a cidade grande, até pela funcionalidade que ela traz. Quando vim para cá, teve um dado momento em que eu estava sentado num café, não sei se foi no Asa de Mosca ou nos Poveiros, que pensei: como o tempo aqui é outro, acho que quero viver esse tempo agora. Menos frenético, menos barulho na rua, menos caos. (Bruno, 35 anos, brasileiro, entrevista em sua padaria; 19/12/2020, por volta das 15h)

O relato remete ao que Simmel (2005a) chama da proximidade física e distância espiritual nas grandes cidades, que acaba por conferir ao cidadão o caráter *blasé* como única forma de proteção aos incessantes estímulos agitadores das metrópoles. A busca de uma experiência outra, que não essa da grande cidade surge também como explicação da escolha do Porto, em vez de Lisboa, para se viver. A escala mais reduzida da cidade do Porto em relação à capital do país mostra-se atrativa para os imigrantes que queriam deixar para trás a agitação mental das metrópoles, para usar novamente um termo de Simmel (2005a). A eleição do Bonfim, e não do centro-histórico da cidade, que poderia parecer uma escolha mais óbvia para quem quisesse abrir um pequeno negócio e poderia, na região central da cidade, se beneficiar mais do fluxo de turistas, também se dá por um desejo de sair da centralidade da cidade, embora as dinâmicas turísticas sejam ambigualmente desejáveis e atrativas.

O Porto tem coisas interessantes: é uma cidade bonita e cosmopolita, de alguma maneira, não é? A cidade estava na crista da onda em 2017 quando cheguei. Comecei a ver muitos estrangeiros que viviam aqui. Esse contato percebia-se na rua. Até brinco que era difícil você ouvir a língua portuguesa na rua, porque tinham muitos estrangeiros, não só com o turismo. Mas, aqui no Bonfim, por exemplo, há muitos estrangeiros vivendo. Eu tenho clientes franceses, italianos, espanhóis. Não sei o que veio primeiro: se os estrangeiros vieram, criaram seus negócios e atraíram outras pessoas, ou se os próprios portugueses criaram novos negócios e atraíram os estrangeiros. Porque aqui no Bonfim está cheio de cafés de especialidade, de estudantes veganos, vegetarianos. É tudo aquilo que foge da culinária tradicional portuguesa, apesar de que, ainda assim, aqui na rua há muitos restaurantes de comida portuguesa. O Bonfim também tem uma influência grande das Belas Artes, como uma zona um tanto alternativa, não tão cara e não tão barata, com boas opções de comida. Começou a zona dos Poveiros e jardim de São Lázaro a se tornarem um pólo de gastronomia. Grandes restaurantes hoje conhecidos nos guias do Porto estão ali: Casa Guedes, Santiago, a casa dos pregos [sanduíche tradicional portuense], que agora esqueci o nome, enfim, os restaurantes de comida portuguesa típicos. (Bruno, 35 anos, brasileiro, entrevista em sua padaria; 19/12/2020, por volta das 15h)

Bruno entende que esses novos comércios de especialidade e as ofertas veganas na região do Bonfim surgem muito a partir de uma expansão de dinâmicas do centro-histórico, pressionado pelo turismo. Em sua visão, a revitalização do centro teria levado a um aumento de preços e, com isso, alguns comerciantes e também moradores desta área mais central teriam se deslocado para o Bonfim com seus pequenos comércios independentes. "As primeiras pessoas que começaram a explorar esta zona foram não só os locais que já estavam aqui no Bonfim, mas também pessoas que sofreram com a

gentrificação do 'centro centro' e começaram a vir para esta outra área da cidade”, afirma. De fato, em minhas conversas informais com comerciantes e artistas na região, havia alguns casos assim. Mas, na maioria das vezes, tratavam-se de não-migrantes. Os pequenos comerciantes imigrantes com quem conversei, em sua maioria, parecem já ter chegado ao Porto com a ideia de escapar do excesso de turismo e de estabelecimentos comerciais já em funcionamento no centro-histórico. A proposta destes interlocutores imigrantes era estar localizado em ruas em que não fossem vizinhos de lojas de cadeia multinacionais, mas sim do mercadinho da Dona Mercedes, do café que está no bairro há décadas, da peixaria, do açougue ou do barbeiro. Acontece na rua eleita por Bruno para abrir sua padaria, a de Santo Ildefonso. E também na avenida escolhida por Paul para inaugurar seu bar de coquetéis, cervejas artesanais e pizzas lá atrás em 2014.

A avenida do Paul

Era na parada de autocarro entre o Passeio de São Lázaro e a Faculdade de Belas Artes que eu descia em minhas incursões na zona – que me levavam a cruzar a clivagem geográfica-simbólica entre o Ocidente e o Oriente do Porto. Na avenida Rodrigues de Freitas, logo após o Passeio de São Lázaro, há uma série de edifícios de dois, três, quatro andares, geminados, quase sempre revestidos de azulejos de uma só cor, em tons como azul ou vinho. Dentre eles, há dois prédios lado a lado que albergam, um deles, um café de um casal de franceses, e o outro, o bar de coquetéis, cervejas artesanais e pizzas de um britânico sócio de uma ucraniana-americana e de um norte-americano. No café dos franceses são servidos *brunchs*, almoços, cafés, lanches e vinhos. Ali muitas vezes vi pessoas que falavam espanhol, francês, inglês, e também português. Vez ou outra, algumas dessas pessoas saíam do café, que fechava às 18h, e iam para o bar ao lado. Como o muro que divide os jardins dos dois prédios é baixo, é fácil se comunicar entre eles. O que um dos garçons do bar, originário do Sri-Lanka, costumava fazer para falar com os donos do café, de quem era amigo.

Figura 3: Avenida Rodrigues de Freitas, principal via do Bonfim, com alguns comércios de imigrantes em edifícios revestidos de azulejos.



Foto: Juliano Mattos.

Seguindo adiante na avenida Rodrigues de Freitas, passadas as Belas Artes, há vários cafés vernaculares (Zukin, 2012), também muito chamados no campo de cafés tradicionais, que costumam funcionar como padarias e confeitarias que também servem almoço e ficam abertas o dia todo. No menu, há torradas, cafés, cervejas, bolos, croquetes, pastéis de bacalhau. Geralmente têm mesas dentro do estabelecimento e também na calçada. São comuns por várias partes da cidade, e há vários no Bonfim, na avenida principal e em ruas transversais. Seguindo adiante ainda na avenida Rodrigues de Freitas, logo que se passa o restaurante de comida portuguesa Madureira, que fica logo antes do cemitério Prado do Repouso, chega-se ao Museu Militar, que marca o início da rua do Heroísmo.

Um dos pontos de referência no início da rua do Heroísmo é o Centro Comercial Stop, antiga galeria comercial que, com a construção de *shopping centers* nas áreas mais periféricas da cidade, entrou em decadência. A solução encontrada por músicos – e que foi do agrado dos donos do imóvel – foi transformar as antigas lojas em estúdios para ensaios de bandas e artistas independentes. O prédio encontra-se bastante degradado, especialmente por fora. Pagando um aluguel baixo, os músicos salvam o espaço de se tornar devoluto. Mas normalmente só chegam para os ensaios ao fim da tarde ou à noite,

deixando o prédio com ares de abandonado ao longo do dia. Ali ao lado há um brechó de um inglês, onde trabalha um artista austríaco como vendedor. A pizzaria do casal de franceses, que acabou por encerrar as atividades devido à pandemia, ficava um pouco adiante, do outro lado da rua. É ali na avenida principal, na parte que ainda leva o nome de Rodrigues de Freitas, que fica o bar de coquetéis, cervejas artesanais e pizzas de Paul, britânico de 58 anos. E por isso a avenida é usada como o ponto de partida quando ele tenta definir os limites do Bonfim:

Na minha imaginação, temos a avenida Rodrigues de Freitas aqui e você segue para essa parte antiga ali para baixo na direção do rio. Se vier de lá, após o miradouro, aquele espaço aberto, para mim o Bonfim começa ali e continua até o memorial de guerra [Museu Militar] no final. E voltando pelo outro lado há várias ruazinhas laterais, com alguns restaurantes muito bons, e mais para cima, bem, imagino que vá até metade do caminho quando você começa a subir... esqueci o nome [indica o Largo do Padrão]. Mas acredito que essa seja a rua principal para mim, pois é onde vivo, então tudo se desenrola no entorno dessa rua, mas com certeza não é só isso, temos aqueles ruazinhas para baixo, muitas áreas residenciais. Vai até o rio? Não sei, é possível. Ao norte vai até metade da subida e passa pela estação do Campo 24 de Agosto, não diria que vá para além disso. (Paul, 58 anos, britânico, entrevista em seu bar de coquetéis e cervejas artesanais. 12/01/2021, por volta das 14h).

Foi numa viagem de férias para a Croácia que Paul conheceu seus dois atuais sócios: sua esposa, uma ucraniana-americana então radicada com a família nos EUA, tendo estudado em Nova York, e um norte-americano, que acabou casando-se com uma portuguesa que conheceu na mesma viagem. Em 2012, eles decidiram migrar para Portugal e abrir um bar. Paul conta o início desta história:

Frequentemente eu e Nick [seu sócio norte-americano que, na altura, vivia em Londres] falávamos em ter um bar. Ele decidiu parar de trabalhar para viajar um pouco, porque sua companheira queria lhe mostrar Portugal. Então ele veio ao Porto e me disse: 'cara, você tem que dar uma olhada no Porto. Se você estiver falando sério sobre termos um negócio, eu acho que Porto será o lugar'. Então começamos a vir cá aos fins de semana, só para conhecer. Nos apaixonamos pela cidade. O Nick ficou com a tarefa de procurar lugares para abrimos um bar. Ele olhou alguns espaços diferentes, não conseguíamos nos decidir, fizemos algumas ofertas aqui e ali, nada realmente se materializou. E, então, esse prédio ficou disponível e dissemos: 'esse será o lugar certo'. O edifício estava muito muito degradado. Tinha um sem-teto morando lá em cima, o jardim estava todo coberto de mato. Tentamos restaurar o máximo que podíamos do prédio, mas o que mantivemos foi muito pouco. Por dentro acabou sendo totalmente reconstruído, exceto a parede de granito, única coisa que restou.

Paul já havia vivido fora da Inglaterra, trabalhando no mercado de tecnologia da informação na África do Sul e morava em Londres quando compraram o prédio. Após o fim das obras, que Paul achou que não acabariam nunca, devido aos atrasos, finalmente em 2014 ele, a esposa e o filho mudaram-se para o Porto e abriram as portas do negócio. Ao contrário de outros interlocutores da pesquisa, como o próprio Bruno, que já trabalhavam no mercado de bares e restaurantes, o pequeno negócio representava para Paul um projeto de vida coletivo, entre família e amigos.

A ideia era sair de Londres, se livrar do ritmo pesado em que vivíamos e, por um lado, ter um ambiente mais confortável e um clima [meteorológico] melhor, e, por outro, um modo de vida melhor. Não queríamos nos mudar de Londres para outra cidade grande, como Lisboa, que era muito turística e tinha uma atmosfera de *big city*, enquanto o Porto era um pouco menos agitado, digamos assim, com um tipo diferente de pessoas. Parecia um lugar mais calmo e mais fácil para se estabelecer. Não queríamos chegar, simplesmente fincar a bandeira e dizer “hey!”. Queríamos nos mudar devagar, fazendo uma aproximação tranquila, tentar nos ambientar na comunidade local primeiramente, e construir nosso projeto a partir daí. E o Bonfim, dentro do Porto, é uma área mais tranquila. Não queríamos estar no centro da cidade, mas nos arredores. Queríamos algo fora do mapa. Não pretendíamos ir, por exemplo para os Clérigos [zona na Baixa portuense] onde há outros bares, ser agrupados ali como apenas mais um bar. Não queríamos ser aquele tipo de lugar para ser bombardeado por toneladas de pessoas, queríamos ter um espaço com uma atmosfera mais local. Não queríamos ser parte do *mainstream*. Estando às margens (*outskirts*) da cidade conseguimos atingir isso. (Paul, 58 anos, britânico, entrevista em seu bar de coquetéis e cervejas artesanais. 12/01/2021, por volta das 14h)

A partir desse depoimento podemos destrinchar uma análise que mostra o entrelaçamento entre diversas questões apontadas na fala de Paul, e que foi comum à de outros interlocutores, que se relacionam com uma ideia de descentramento – aludindo aqui um dos eixos analíticos deste artigo. Ao se mudar de uma cidade-global para abrir um pequeno comércio fora do centro-histórico em uma urbe de menor escala desloca-se simultaneamente de um suposto 'centro do mundo' (a cidade-global com sua centralidade político-econômica na escala mundial de hierarquia entre cidades), do centro da cidade (para fora do centro-histórico portuense, e, portanto, às margens de sua centralidade geográfica, simbólica e econômica). Sem contar certo descentramento subjetivo, o deslocar-se do centro de si, uma vez que se sai de seu local de pertença naturalizada para se viver a experiência de ser estrangeiro, que, para citar novamente Simmel (2005b), é “o mais próximo do distante”.

Podemos pensar o próprio Bonfim como esse espaço fora do centro – geográfico e simbólico da cidade. Entretanto, entendo que a zona acaba por conformar-se mais como um espaço de mediação entre centralidades. O Bonfim localiza-se geograficamente entre o centro histórico, uma centralidade consolidada, e Campanhã, uma centralidade emergente no extremo Oriente da cidade segundo os planos urbanos. Assim, para além de um espaço geograficamente *in between*, o Bonfim também parece funcionar como um *locus* intermediário, absorvendo do centro-histórico as dinâmicas turísticas e de Campanhã os planos urbanos para atração de indústria do conhecimento e criativa. O Bonfim também sorve do centro-histórico as estratégias de reabilitação do patrimônio edificado. Nesse sentido, Paul relata a mudança que foi observando na zona ao longo dos últimos quase dez anos.

Vê-se que vários edifícios foram restaurados. As pessoas passaram a investir nesta área, com certeza. Poderíamos andar por entre qualquer uma dessas ruas e ver muitas obras em andamento. Este prédio [aponta para um edifício na rua de trás ao bar] estava completamente abandonado quando chegamos aqui. Vimos várias pessoas indo visitá-lo. Ano passado começaram uma obra e todos os dias vemos uma boa equipe trabalhando duro ali. O prédio deve ficar pronto logo. Foi um grande salto. Se olhar nas ruas de trás vê-se um monte de pequenas propriedades que tiveram investimento e estão em reconstrução. (Paul, britânico, 58 anos, entrevista em seu bar; 12/01/2021, por volta das 14h)

Embora perceba que houve um interesse crescente no investimento imobiliário na região, em outra de suas falas Paul acaba por tensionar as ideias de mudança e manutenção da cidade como antes. Desde que se mudou para o sótão do seu bar na avenida principal do Bonfim, Paul observou muita gente indo embora devido às subidas nos preços dos imóveis, porém acredita que a atmosfera residencial e do pequeno comércio de proximidade ainda permanece:

A zona era muito tranquila [em 2012, quando chegaram], não havia nada ao longo da rua fora alguns poucos pequenos cafés portugueses, o que continua existindo, além de uma comunidade muito velha, o que também ainda existe. Havia casas e pessoas vivendo nelas, era muito calmo, e ainda é. O café aqui ao lado [atualmente de um casal de franceses] já estava aí. Antes pertencia a duas raparigas francesas, mas antes ainda delas tinha uma senhora portuguesa que gerenciava um pequeno *coffee shop* tradicional em que ela fazia 'pratos do dia' com preços muito em conta. Mas aí o proprietário do prédio, que é de Lisboa, subiu demais o aluguel. Ele estava fazendo obras, de início no primeiro andar. Porque quando chegamos não morava ninguém lá. Depois começou a fazer obras no segundo andar, onde um amigo meu mora. Agora o último piso foi finalizado e ficou disponível para arrendamento. O prédio sempre esteve lá, mas estava muito degradado. E desse outro lado [aponta para o lado oposto], quando nos mudamos, era um escritório administrativo da polícia. Então

sempre tinham uns policiais aqui fora e nos tornamos bastante amigos de um deles. Mas eles se mudaram, o edifício foi comprado e, honestamente, os novos proprietários só entraram para limpar e estão tentando vendê-lo de novo. (Paul, britânico, 58 anos, entrevista em seu bar; 12/01/2021, por volta das 14h)

A fala me remete ao que Frúgoli e Sklair (2013) chamam de entremeios de mudanças e permanências, já que há momentos em que o entrevistado diz que quando chegou aqui algo era de um jeito, “e ainda é”, embora também aponte mudanças. As cenas descritas por Paul, assim, acabam por revelar um Bonfim, por um lado, em constante transformação, imbricado em dinâmicas como a especulação imobiliária, e, por outro, ainda suspenso no tempo da acelerada mudança urbana do Porto. Parte desse caráter de permanência vê-se nos pequenos estabelecimentos comerciais da região. É a partir das práticas cotidianas que se dão em torno desses espaços, e não só, que Paul e Bruno constroem sentido de pertença à cidade.

As esquinas, os comércios e o fazer comunidade

Nesta terceira parte deste artigo, tentarei demonstrar, novamente a partir da fala de Bruno e Paul, como no Bonfim as práticas sociais urbanas estão imbricadas aos pequenos comércios da região. Começo por uma fala de Bruno, que aponta esses pequenos estabelecimentos como centrais para sua escolha do local.

Eu queria poder viver nessas ruelas pequenas onde eu pudesse descer do prédio e ter um comércio local à porta. Era isso que eu sentia falta. Eu precisava de uma costureira, onde vou achar isso na Boa Vista, sabe. Quando vim ao Bonfim ver o apartamento, pensei: que rua linda, mas passava ônibus. Entretanto tem peixaria, costureira, barbeiro, sapateiro, café, mercearia, tem tudo. Me encantei. Comecei a gostar desse ar familiar, as pessoas próximas, uns ajudando aos outros, um companheirismo, um sentido de comunidade mesmo. (Bruno, 35, brasileiro. Entrevista concedida em seu comércio, 19/12/2020, por volta das 15h)

Bruno conta que sua história com o Bonfim começou em 2018, primeiro como residente. Ele alugou o apartamento acima da loja onde hoje funciona sua padaria e só mais tarde, em janeiro de 2020, inaugurou o negócio. Quando Bruno chegou à rua, e ao prédio onde agora vive e trabalha, funcionava ali no rés do chão uma loja de roupas. O espaço vagou e o senhorio ofereceu-o à Bruno, que precisou fazer uma reforma para albergar a padaria. À época, ele ainda fazia consultoria para restaurantes na zona Ocidental da cidade, junto ao mar, na chamada Foz do Douro. Mas já vinha pensando na

possibilidade de abrir seu próprio negócio. Não queria ter um restaurante, mas um pequeno café ou padaria onde as pessoas pudessem passar e petiscar algo. A relação com a vizinhança iniciou-se imediatamente, desde o dia em que Bruno foi visitar o apartamento para alugar. O proprietário logo o apresentou à Dona Mercedes, que tem um mercadinho do outro lado da rua.

Desde então comecei a criar uma relação com o comércio do Bonfim. Primeiro foi com Mercedes, que nós somos de porta frente a frente. Cumprimentava-a todo dia. Dizia 'bom dia' todo dia de manhã, saindo pra trabalhar. E comecei, aos poucos, a deixar de ir ao supermercado e ir comprando tudo aqui na rua, principalmente legumes, verduras, essas coisas mais frescas. Comecei a cortar cabelo no barbeiro que é a três casas daqui. Arrumo minhas roupas na costureira aqui da rua. Foi ela quem fez minhas cortinas aqui da padaria. (Bruno, 35, brasileiro. Entrevista concedida em seu comércio, 19/12/2020, por volta das 15h)

No Bonfim, as dinâmicas urbanas são marcadas pelo que Jacobs (2007) chama de *balé das calçadas*, com crianças voltando da escola, os donos dos cafés abrindo e fechando os negócios, o trabalhador do talho à porta da loja quando não há clientes (coisa rara), as pessoas nas paradas de ônibus. A vida social na região é entoada pelo sair de casa para comprar pão e dizer "olá" para senhora da floricultura, passar na porta do barbeiro e marcar horário ali do passeio mesmo, sem entrar, ou comprar alguma utilidade na "loja do chinês". É a vida social nas ruas e em torno desses pequenos comércios que produz o que Bruno chamou de um 'sentido de comunhão' que atravessa as diferenças de nacionalidade, mas também de classe e sexualidade, conforme aponta:

No Bonfim tem o velhinho, que está convivendo com os estrangeiros, que está convivendo com o pessoal LGBTQ, que está convivendo com os artistas da Belas Artes, que estão interagindo com os pinguços, com as putas, e tudo. Tem os burgueses que moram nessas casas aí, nessas heranças todas. Ao mesmo tempo é um bairro super popular, tem as pessoas que são características do Norte de Portugal, que falam, que gritam na rua. Tem o senhor do bar, todo dia a uma dada hora da tarde ele vai lá fora e começa a falar bem alto, gritar, não entendo nada que ele diz. Aqui nessa zona tem muito desse tripeiro. De repente tem todo esse tipo de gente junta. Você não vê isso no Campo Alegre, na Foz, na Boa Vista. Não vê, talvez, em Cedofeita. Não sei, acho que aqui tem uma comunhão muito grande entre as pessoas, de tipos de pessoas, que coabitam o mesmo espaço e estão em harmonia, cada um na sua individualidade. (Bruno, 35 anos, brasileiro, entrevista em sua padaria; 19/12/2020, por volta das 15h)

A vivência na rua, a circulação por seus comércios, essas microinterações cotidianas que perpassam desde cumprimentar a dona do mercadinho ou assistir ao dono

do bar esbravejar na calçada, em seu conjunto, seriam formas de fazer comunidade. O termo comunidade foi bastante acionado pelos imigrantes nesta pesquisa para descrever os quadros de interação social e as dinâmicas urbanas no Bonfim. Parto da noção de Blokland (2017) de comunidade enquanto prática urbana para interpretar os relatos e práticas de comerciantes imigrantes no campo. Entende-se aqui a noção de comunidade não enquanto algo estritamente localizado, mas construído a partir do contexto global, e que, longe de ser homogêneo e coeso, é, nas palavras de Blokland (2017), dinâmico, diverso, contestado e permeado por relações de poder.

Na concepção da autora, fazer comunidade seria possível tanto para os que vivem num mesmo território há anos quanto para os recém-chegados. “Algumas pessoas têm raízes, outras, rotas, mas todas fazem comunidade.” (Blokland, 2017: 229). Esse fazer comunidade, defende, poderia, assim, ter enquanto agentes tanto aqueles que ela chama de enraizados – cujas narrativas de lugar e performance de identidade local constroem comunidade – quanto por aqueles que estão em rota e adotam uma cidade para si no momento presente, e também produzem comunidade por meio de narrativas de cidade e performance de identidade temporária local. É como faz Paul, que assim descreve o Bonfim quando perguntado o que para ele mais caracteriza a região.

Eu diria: velho. Uma velha comunidade. Se veem bastantes pessoas velhas aqui, que se percebe que vivem aqui há muito tempo, estabelecendo seus modos. Tem um senhor, esqueci o nome dele, ele tem um pequeno café, logo na rua ao lado, está ali há muitos anos. Frequentemente vou lá tomar uma cerveja e conversar com ele. E ele fala sobre outros tempos e como tudo mudou. Tem um barbeiro muito fixe que vou logo descendo aquela rua, um lugar bem pequeno, e aquela área tem sua comunidadezinha, e acredito que é isso que a faz ser o que é. No Bonfim, não há supermercados, ok, sim, temos o Pingo Doce e agora um Continente, mas antes do Continente não tinha nenhum grande supermercado na área, apenas esses pequenos espaços comerciais, essas pequeninas lojas e cafés que fazem seu dinheiro dia por dia com essas pessoas que vão ali só tomar um café ou comer uma coisinha pela manhã. (Paul, britânico, 58 anos, sócio de um bar. Entrevista concedida em seu comércio, 12/01/2021, por volta das 14h)

Paul mostra um desejo não apenas de criar suas narrativas de lugar, como também de praticar sua 'identidade local', conforme enfatiza também na fala a seguir: “Queríamos ter um bar local, então tentamos nos integrar à comunidade local”, disse em entrevista concedida em seu comércio, 12/01/2021, por volta das 14h. Quando Paul me diz que queria ter um pequeno comércio local, parte da comunidade, não informa apenas, creio eu, que não desejava fazer parte do *mainstream*, do consumo de massa intensificado no

centro histórico. Mas também me diz, assim o interpreto, que desejava fazer comunidade, no sentido dado por Blokland (2017), a partir das práticas urbanas. Mais que isso, Paul coloca essa construção de comunidade enquanto uma condição para se tornar local (“Queríamos ser um bar local, então tentamos nos integrar à comunidade local”) e também como força de resistência aos fluxos financeiros globais (“Quando vierem os fundos de investimento colocando dinheiro em tudo, as pessoas ainda irão preferir os lugares com algum caráter”, me disse ele na ocasião da entrevista, em seu bar, 12/01/2021, por volta das 14h).

Blokland (2017) enfatiza a necessidade de se incorporar a performatividade dentro das discussões sobre pertencimento, uma vez que as pessoas não apenas selecionariam um lugar para se viver que responda a seus *habitus*, em vez disso, os lugares em que vivem são também produzidos por meio de repetitivas interações diárias a nível individual e de vizinhança. Isso pode ser observado na fala de Paul, que acredita que se tonará um local no Bonfim.

Olha, sou um estrangeiro, sim, e sempre serei. Eventualmente me sentirei um local. No Bonfim me tornarei um local, sei disso só de caminhar por aí entre as lojas, cumprimentando as pessoas, como o senhor que estaciona os carros todos os dias e dizemos ‘olá’ um ao outro, arranjo-lhe um café vez ou outra. Me sentirei o local que vai ao barbeiro e ao açougueiro ali embaixo, ao café de especialidade dos irmãos portugueses, conheço muito bem aqueles caras. O restaurante na esquina do café, próximo ao Duas de Letra, faz umas costelas e frango apimentado realmente muito bons. Os atendentes também são muito bons anfitriões. Sabe o restaurante Euskalduna? Também conhecemos o chef de lá muito bem. Ele faz uma comida maravilhosa, fantástica, incrível. Na mesma rua, tem esse lugarzinho que vende queijos, uma senhora e a irmã que tomam conta daquilo. Eu sempre tento circular por aí e apoiar as pessoas locais. Às quintas eu vou ao Gazela, perto do teatro [São João], encontramos amigos lá para almoçar. Caminho o quanto posso, dirigir na cidade é insano. (Paul, 58 anos, britânico; entrevista em seu bar, 12/01/2021, pelas 14h)

A fala de Paul pode novamente ser interpretada à luz de Blokland (2017), que afirma que o pertencimento não seria apenas um sentimento, mas o resultado de práticas, especialmente de performances, que a autora define enquanto práticas sociais públicas, ou práticas na frente dos outros. Os espaços urbanos seriam, pois, um palco para essas performances que constroem pertencimento. Este raciocínio culmina no argumento central da autora: a comunidade enquanto prática urbana, o que penso ser válido no caso do Bonfim. Na zona, esta comunidade praticada se constrói muito em torno dos pequenos comércios e sua interface com a rua.

Em minhas incursões pelo Bonfim, observei que há um entreato entre esse abrir e fechar dos bares e cafés. Um antes e um depois que não são um espaço vazio. É nesse momento, que observei principalmente no fim de tarde, em que um café estava para encerrar, enquanto o bar ao lado estava para abrir, que os comerciantes trocam algumas palavras, partilham a calçada onde sentam-se em cadeiras colocadas por eles próprios para descansar antes ou depois da jornada de trabalho; compartilham uma cerveja ou um café, um aceno, um aperto de mãos. E parece ser por meio desse *balé das calçadas* e desses *olhos da rua*, para usar novamente termos de Jacobs (2007), que a vizinhança e a cidade mudam paulatinamente.

Considerações finais

Este artigo é um recorte de minha pesquisa de mestrado sobre pequenos comerciantes imigrantes no Bonfim, na zona oriental do Porto, Portugal. Nele busquei cruzar minhas observações etnográficas com as falas de dois de meus principais interlocutores: Paul, um britânico de 58 anos proprietário de um bar de coquetéis, cervejas artesanais e pizzas; e Bruno, brasileiro de 35 anos, dono de uma padaria de fermentação natural. A proposta foi, a partir de Agier (2011, 2012 e 2015) explorar um modo de construção de conhecimento das cidades descentrado, já que feito a partir do olhar estrangeiro, tanto da pesquisadora quanto dos interlocutores. Para além disso, esse seria um conhecimento urbano relacional, uma vez que frequentemente os interlocutores acionam contextos de outras cidades e países em que viveram anteriormente, e situacional, uma vez que são pessoas *em rota* que constroem identidades temporárias locais (Blokland, 2017).

Parti de um recorte do Bonfim que não seguiu as delimitações administrativas da freguesia de mesmo nome. Em vez disso, a partir de conversas informais e entrevistas semi-diretivas tentei traçar os limites físicos do Bonfim simbólico, que resultou numa parte apenas da freguesia, a localizada no entorno da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lá sobrepõem-se dinâmicas comerciais vernaculares com novos comércios que territorializam no Bonfim emblemas globais de consumo e estilo de vida, como o veganismo e os alimentos artesanais. Esse é o caso do bar de Paul, focado em cervejas artesanais, além das pizzas e coquetéis, e da padaria de Bruno, que aposta em pães de fermentação natural. Busquei abordar como as narrativas de lugar e as práticas

urbanas cotidianas desses interlocutores se interceptam com as dinâmicas de mudança e permanência da cidade. O Porto insere-se na concorrência global inter-cidades projetando-se internacionalmente como um destino turístico e bom lugar para se viver. Procurei, então, compreender o que atraiu esses imigrantes para Portugal, Porto e Bonfim, as mudanças urbanas que testemunharam na cidade e na zona desde que aqui chegaram e como suas práticas produzem pertença e conhecimento sobre a cidade.

Dentre os principais achados está a noção de que a escolha desses pequenos comerciantes imigrantes por Portugal, Porto e Bonfim relaciona-se genericamente a um triplo descentramento: a fuga da cidade-global, com sua centralidade político-econômica na escala mundial de hierarquia entre cidades; a fuga do centro da cidade, no caso, do centro histórico e da Baixa do Porto, considerados pelos interlocutores como dominados pelo turismo de massa; e, por fim, um descentramento subjetivo, provocado pela própria condição de estrangeiro, que sai de um lugar onde tem uma pertença naturalizada para tornar-se um *outsider* em outro país, em busca de novos projetos de vida e experiências urbanas.

As narrativas de cidade desses interlocutores que vieram 'de fora' também desvelam um olhar descentrado sobre as mudanças e permanência da urbe. Nesse sentido, interlocutores como Paul relataram as transformações que foram observando na zona do Bonfim ao longo dos últimos dez anos, como as renovações do edificado impulsionada por incentivos fiscais. Ao passo que Paul também afirma que o Bonfim era e ainda é muito calmo e cheio de comércios antigos que lá permaneceram. Noutra fala, Bruno aborda a presença de estrangeiros, comerciantes ou não, no Bonfim e os novos repertórios de consumo ali presentes ligados a *habitus* que circulam globalmente, como o veganismo. Mas Bruno também ressalta a centralidade dos pequenos estabelecimentos vernaculares e seus tantos 'personagens urbanos', como os velhos donos de bares e mercearias, na criação de ambiência na zona.

Por fim, para além das narrativas que revelam simultaneamente imaginários urbanos e transformação da cidade, busquei abordar como esses interlocutores imigrantes praticam a cidade. Seguindo a noção de Blokland (2017) de que pertencimento não é apenas um sentimento, mas uma prática, concluí que esses sujeitos criam pertença ao Bonfim e ao Porto por meio de suas práticas urbanas cotidianas, nas ruas, esquinas e bares. Nesse processo incluem-se o ato de cumprimentar o senhor que estaciona o carro

diariamente na avenida principal da zona, dar bom dia à dona da antiga mercearia, frequentar os restaurantes e cafés de portugueses na região. Nalguns casos, essas práticas acontecem com dia da semana marcado, como todas as quintas-feiras em que Paul vai a um mesmo restaurante, como num rito, uma repetição que gera familiaridade com o contexto urbano. Assim a cidade vai sendo feita por dentro e pelas margens, por quem é ‘de dentro’ ou ‘de fora’. Ao relacionar os projetos de vida desses imigrantes com suas narrativas e performances urbanas creio que tenha falado tanto sobre esses sujeitos quanto sobre a cidade, buscando abarcar o que propõe o título deste artigo: abordar a cidade – imaginada, praticada e narrada – pelo estrangeiro. Aquele que, tomando emprestado os termos de Elias e Scotson (2000), mantém sua condição intrínseca de *outsider*, ainda que já tenha se *estabelecido*.

Referências Bibliográficas

AGIER, M. (2011). Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos. Terceiro Nome.

AGIER, M. Pensar el sujeto, descentrar la antropología. Cuadernos de antropología social, n. 35, p. 9-27, 2012.

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. Mana, n. 21, p. 483-498, 2015.

BAPTISTA, L. V., & CORDEIRO, G. Í. Presentes e desconhecidos: Reflexões socioantropológicas acerca do recente fluxo imigratório no concelho de Loures. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 40, p. 23-43, 2002. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/334>.

BLOKLAND, T. (2017). Community as urban practice. Polity Press, 2002.

BOURDIEU, P. A Distinção: crítica social do julgamento. Zouk, 2011.

CARVALHO, L., CHAMUSCA, P., FERNANDES, J., & PINTO, J. Gentrification in Porto: Floating city users and internationally-driven urban change. Urban Geography, n. 40, p. 565–572, 2019.

CORDEIRO, G. Í. Territórios e identidades: Sobre escalas de organização sócio espacial num bairro de Lisboa. Estudos históricos, n. 28, p. 125-142, 2001.

CORDEIRO, G. Í., BAPTISTA L., & COSTA, A.F. (Orgs.). Etnografias urbanas. Celta Editora, 2003.

CORDEIRO, G. Í., & COSTA, A.F. Bairros: contexto e intersecção. In Velho, G. (org). Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal, p. 58-79. Jorge Zahar Editor, 1999.

COSTA, A. F. Sociedade de bairro: Dinâmicas sociais da identidade cultural (1999). Celta Editora, 2008.

ÇAGLAR, A., & GLICK-SCHILLER, N. Migrants and city-making: Dispossession, displacement, and urban regeneration. Duke University Press, 2018.

DEVERTEUIL, G., & MANLEY, D. Overseas investment into London: Imprint, impact and pied-a-terre urbanism. *Environment and Planning A*, v. 49, n 6, p. 1308–1323, 2017.

ELIAS, N., & SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a parZr de uma pequena comunidade. Jorge Zahar Editor, 2000.

FLORIDA, R. *The rise of the creative class*. Basic Books, 2012.

FRÚGOLI, H., & SKLAIR, J. O Bairro da Luz (São Paulo) e o Bairro Alto (Lisboa). Nos entremeios de mudanças e permanências. In: FORTUNA, C; LEITE, R. P. (Org.). *Diálogos Urbanos: Territórios, Culturas, Patrimónios*. Almedina/CES, p. 75-103, 2013.

HARVEY, D. *Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. Martins Fontes, 2012.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. Martins Fontes, 2007.

KEITH, M. *After the cosmopolitan. Multicultural cities and the future of racism*. Routledge, 2005.

KRAHMER, K., & SANTANGELO, M. Gentrification without gentrifiers? Tourism and real estate investment in Lisbon. *Sociabilidades Urbanas–Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 2, n. 6, p. 151-165, 2018.

LEY, D. *Millionaire Migrants: Trans-Pacific Lifelines*. Wiley-RGS, 2010.

LLOYD, R. *Neo-bohemia: Art and commerce in the postindustrial city*. Routledge, 2010.

LYNCH, K. *A Imagem da cidade (1960)*. Martins Fontes, 2011.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 49, p. 11–29, 2002.

MENDES, L. Gentrificação turística em Lisboa: Neoliberalismo, financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008-2009. *Cadernos Metrópole*, n. 39, p. 479–512, 2017.

MENDES, M. M., OLIVEIRA, N., MAPRIL, J., MAGALHÃES, A., TOMÁS, A., & GOMES, H. V. *Diversidades, espaço e migrações na cidade empreendedora*. Observatório das Migrações, ACM, IP, 2020.

- OLIVEIRA, N. (2019). A Lisboa cosmopolita e o fascínio da diversidade. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 39, p. 115-128. URL: <http://journals.openedition.org/cidades/1641>
- OLIVEIRA, N., & PADILLA, B. (2017). Integrating superdiversity in urban governance: The case of inner-city Lisbon. *Policy & Politics*, n. 4, v 45, p. 605–622. DOI:10.1332/030557317X14835601760639
- PARZER, M., & FLORIAN, J. Migrant businesses and the symbolic transformation of urban neighborhoods: Towards a research agenda.” *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 6, v. 39, p. 1270–1278, 2015. <https://doi.org/10.1111/1468-2427.12347>
- SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, n. 11, p. 577– 591, 2005a. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.
- SIMMEL, G. O estrangeiro (1908). *RBSE*, n. 4, p. 265-271, 2005b.
- VELHO, G. *A Utopia urbana*. Jorge Zahar Editor, 1989.
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Jorge Zahar Editor, 1994.
- ZUKIN, S. The social production of urban cultural heritage: Identity and ecosystem on an Amsterdam shopping street. *City, Culture and Society*, n. 3, p. 281–291, 2012. <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2012.10.002>